

CEMITÉRIOS SERIDOENSES: culto e memória

Autora: Alcineia Rodrigues dos Santos (UFG)¹⁴⁷

Pesquisar a cultura funerária é mergulhar numa abordagem mais ampla no sentido de perceber como os costumes são utilizados para dar vida a determinada ordem social. Não nos resta dúvida de que os rituais mortuários reproduzem essa ordem. Falar da cultura mortuária passa, essencialmente, pela compreensão que temos de como se constitui ao longo dos tempos, a morte, o morto e o morrer. A finitude da vida provoca uma grande incerteza nos vivos que buscam incessantemente respostas para um mistério: o que ocorre após a morte.

Cada sociedade tem seu jeito próprio de mostrar a compreensão sobre esse fato que pode ser manifestada de várias formas, sendo levada em consideração a sua formação histórica e cultural. Dentro desse universo cultural em que se insere a cultura funerária seridoense é importante ressaltar à formação religiosa católica brasileira, notadamente influenciada por práticas culturais indígenas e africanas. Seguindo essa perspectiva, as sociedades ocidentais cultuam seus mortos. Enterra-los faz parte de um ritual que se inicia desde os últimos momentos de vida até chegar ao túmulo, lugar de memória e culto. O campo santo deixou de ser um lugar para guardar corpos em defunção. O cemitério abriga a vida material e espiritual da comunidade. Ali se perpetuam histórias, costumes e sentimentos.

Falar de cemitérios é dizer da fé, é referir-se a dor e a incerteza que causa a morte como *última viagem*. O cemitério é um espaço de devoção onde podemos encontrar os desejos dos vivos, que com seus usos os transforma em lugar de socialização e difusão da cultura. Nossa pesquisa constatou que os campos-santos perpetuam um diálogo entre vivos e mortos, no qual as crenças e os costumes são reforçados.

Este texto objetivo elucidar algumas considerações sobre as pesquisas que temos desenvolvido no Seridó norte-rio-grandense, com o intuito de *identificar algumas das representações sociais que sustentam as práticas culturais em torno da morte, e*

¹⁴⁷ E-mail: annaneia@yahoo.com.br

analisar os ritos que as constituem, tendo como suporte a criação de uma memória sobre os mortos e o cemitério. Esse artigo constitui parte das investigações contidas em nossa tese de doutorado defendida pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás.

Em fins da primeira metade do século XIX, a província do Rio Grande do Norte deparou com um fato novo, que viria a promover agitações nas atitudes de sua população relacionadas com a vida e a morte: a incidência de surtos epidêmicos de cólera-morbo. Antes de essa terrível doença assolar parte das províncias do Norte e do Sul do Brasil, os mortos compartilhavam do espaço dos vivos, pois eram inumados dentro dos templos cristãos católicos, lugar onde haviam vivenciado momentos importantes de suas vidas, já que desde o nascimento ali realizavam suas comemorações.

Contudo enterrar dentro das igrejas começou a incomodar as autoridades, posto que essa prática ia de encontro às políticas de saneamento e higiene pública, ideias trazidas principalmente pelos viajantes e pelos presidentes de província. Estes defendiam que o enterramento *ad sanctos* era prejudicial à saúde, principalmente pelas possíveis emanações dos cadáveres e pelos gases malcheirosos que deles emanavam, considerados como focos de infecção e proliferação de doenças.

A implementação de cemitérios no Seridó envolve um longo processo e, de acordo com os relatórios dos presidentes da província do Rio Grande do Norte, arrastou uma longa discussão acerca da importância dessas edificações. A documentação que consultamos contém indícios de que, desde 1850, quando toda a província sofria com os efeitos dos surtos de varíola e sarampo, foram designadas verbas para obras públicas a favor da higienização, em alguns municípios. Nesse sentido, também foi possível perceber que existiu a preocupação de retirar os mortos do espaço dos vivos. O afastamento deles do espaço sagrado das igrejas para os cemitérios extra-urbe foi então, aos poucos, processando-se em toda a província.

Apesar de essa motivação ter tido início no período das epidemias, a documentação aponta que o Seridó só veio a ter um cemitério devidamente regulamentado no ano de 1873, como parte de uma proposta de reordenamento urbano, mesmo que se tenha iniciado a construção, em algumas povoações, em 1856, conforme apontou nossa pesquisa. Acreditamos que na região seridoense, mesmo sendo o cemitério definido como um novo local para os enterramentos e, ainda mais, como um

espaço propício para a laicização, conforme ocorreu em outras cidades brasileiras e europeias, isso não resultou em mudanças imediatas. Apesar de ter provocado transformações na forma de pensar a morte e, por sua vez, de conceber a vida terrena e a eterna, não causou grandes impactos, uma vez que os antigos costumes continuaram, inclusive dentro dos cemitérios. Em todas as necrópoles pesquisadas, percebemos a presença, de elementos que mostram a permanência de rituais religiosos que se mantêm, embora reconfigurados.

A devoção religiosa permaneceu, revestida de novas características, estando especialmente presente nos símbolos sagrados postos nos túmulos. Evidentemente, o afastamento dos mortos do convívio dos vivos veio atender aos interesses dos higienistas do século XIX. Certamente o cemitério amenizou e/ou resolveu os problemas causados pelos miasmas produzidos pelos cadáveres em decomposição, quando enterrados nas valas comuns dos cemitérios no entorno das igrejas, estes vistos como focos de infecção e proliferação de doenças.

Concordando com Philippe Ariès, observamos que as mudanças no estilo de morrer se delinearam em meados do século XIX. As epidemias, a criação de cemitérios públicos e o próprio discurso médico, bem como o fim dos enterramentos *ad sanctos*, foram os pontos catalisadores de tais mudanças. E, pelos estudos de João José Reis, percebemos que o isolamento nos hospitais causou a perda do controle da morte por parte da Igreja, passando o morto, nesse momento, a estar submetido aos saberes médicos, o que Ariès chamou de *morte interdita*.

Os fazendeiros, coronéis e pessoas de prestígio público de toda a região passaram a ser perpetuados em monumentos funerários considerados pomposos, todavia modestos se comparados aos construídos em cemitérios do Sul e do Sudeste do Brasil. Envoltas por esse aparente silêncio que permeia o cemitério, percebemos inúmeras formas de amor, de saudade, civismo, sentimentos de esperança e religiosidade, expressos das mais variadas formas. De fato, o monumento funerário constitui-se em um importante artefato, um documento para testemunhar o desejo de perpetuar a memória afetiva.

A ideia de afastar os mortos do cotidiano preconizada pelo processo de secularização esbarrou na tradição. No cemitério, o túmulo se torna um componente de eternização da lembrança do falecido, onde o culto se efetiva pela presença de elementos religiosos, além de flores, epitáfios, e velas. Certamente, as antigas atitudes

diante da morte e do morto contribuíram para a construção de um imaginário coletivo que se utilizou da cultura fúnebre, de seus artefatos e fazeres, como elemento mantenedor de uma hierarquização, simbolizando e mantendo viva a memória dos mortos.

As representações partilhadas por determinada comunidade dão conta de seu momento histórico e o caracterizaram. As práticas funerárias mortuárias, sobretudo provenientes da cultura europeia, delineadas especialmente em meados do século XIX e início do XX, foram responsáveis pela produção cultural funerária em várias regiões do Brasil. No Seridó, a cultura vernacular tornou-se forte elemento identificador das práticas em torno do bem morrer.

Para melhor compreensão das práticas e representações presentes na cultura mortuária seridoense, fez-se necessário recorrermos à documentação, no intuito de termos uma ideia mais aproximada do pensamento vigente acerca da finitude da vida. Desse modo, as pesquisas de campo nos laboratórios regionais e no acervo documental da Freguesia de Sant'Ana do Seridó foram importantíssimas. Quanto aos cemitérios e seus artefatos, a documentação fotográfica foi fundamental no sentido de dar-nos uma ideia do monumento e da escolha dos ornamentos neles contidos. Esse material fotografado e catalogado destinou-se ao recolhimento, ainda que sucinto, das informações históricas, do caráter formal e iconográfico do túmulo, para que melhor compreendêssemos as manifestações sociais em torno da vida e da morte, com ênfase na cultura tradicional.

No que diz respeito às possíveis respostas que encontramos para as questões de pesquisa, é importante refletir sobre o dinamismo que a própria história carrega, não permitindo a seus pesquisadores uma conclusão para as questões propostas nas pesquisas. Desse modo, a cada nova interpretação e a cada novo rumo dado, inclusive pela documentação, surgiam novos aspectos, incorporados ou deixados de lado, em função da centralidade do tema.

A documentação escolhida teve fundamental importância para a elaboração do estudo em questão. Um conjunto de manuscritos foi trabalhado com o intuito de orientar-nos para a compreensão do impacto das transformações ocorridas nos ritos fúnebres e na cultura mortuária no Seridó, a partir de 1856, de maneira especial em relação à implementação dos cemitérios, um novo espaço para os mortos, a forma material de um possível projeto *descristianizador* da morte. Também nos foi possível

perceber as preocupações dos presidentes da província do Rio Grande do Norte e dos representantes dos municípios, que, aliados ao discurso médico-higienista, propunham medidas que se opunham aos costumes vigentes, visando ao afastamento entre vivos e mortos, como forma de resguardar a vida.

A base de dados utilizada na tentativa de responder às indagações propostas em nossa pesquisa é composta por quatro conjuntos documentais: 1) textos manuscritos oriundos da Igreja Católica Romana, evidentemente representada pela Freguesia de Sant'Ana do Seridó, constituídos de assentos de óbitos que percorrem o período de 1788 a 1930, além do Livro de Tombo – 1748-1906 – da referida freguesia; 2) textos manuscritos provenientes do Estado, representado pelo Termo Judiciário da Vila Nova do Príncipe e Povoações do Acari e Currais Novos, compostos de *folhas esparsas*, papéis avulsos, testamentos, inventários *post mortem* e posturas municipais; 3) textos impressos oficiais – a partir de manuscritos, também procedentes do Estado, produzidos pela capitania do Rio Grande do Norte, constituídos de Falas e Relatórios dos Presidentes da Província referentes ao período de 1835 a 1930; 4) recursos visuais – organizados a partir de um levantamento de fotografias dos cemitérios pesquisados, além da planta baixa dos quatro cemitérios.

Nossa pesquisa pode observar que essa nova concepção diante da morte, consagrada ainda no século XIX, sob a aura de modernidade e a consolidação dos valores burgueses, pode ser percebida dentro dos cemitérios, que passam a ser o lugar de culto ao morto. Nesse sentido buscamos discutir as formas como a população seridoense reagiu às mudanças impostas pelos profissionais da saúde pública e autoridades provinciais. O que percebemos, na realidade, é que o monumento tumular e seus componentes cooperam para a criação de certo simbolismo, além de colocarem em evidência a memória do morto. Por meio dos túmulos, é possível exaltar a lembrança do ente querido morto, uma memória que se torna pública e é construída a partir de símbolos que são produzidos pelos familiares ou pela comunidade, a fim de garantirem a imortalidade e a perpetuidade do defunto. Nos túmulos, de alguma forma, procuram mostrar os feitos realizados em vida pelo sepultado, contribuindo para a formação de sua memória.

Estudar o conjunto tumular dos campos-santos seridoenses nos fez pensar na importância da preservação como uma maneira de salvaguardar as formas de *saber-fazer* dos modelos arquitetônicos e simbólicos, cujas influências sobressaíram no gosto

popular e no desejo de homenagear entes queridos mortos, sem, contudo, obedecer a determinados estilos. Nesse sentido, foram importantes as leituras em torno da memória, da gestão da lembrança e do patrimônio cultural. Compreendemos que os túmulos são objetos materiais construídos pela sociedade com o intuito de perpetuar a memória dos mortos, portanto são testemunhos de uma história coletiva.

Observamos que, a partir da ideia de compreender o cemitério como esse espaço de rememoração, a sociedade deseja parar o tempo, imortalizar personagens de uma história social. Vida e morte, memória e esquecimento. O túmulo torna-se um lugar de gestão da lembrança, e sua construção permite que os vivos não sejam esquecidos após sua morte. Nesse contexto, é possível, então, solidificar a memória a partir dos artefatos cemitieriais postos nas sepulturas, elementos que não somente simbolizam a morte, o cortejo fúnebre, o enterro e o morto, mas permitem a fixação da lembrança do falecido.

Percebemos que a elite seridoense, a partir do ano de 1856, começa a se identificar com a construção de monumentos funerários, para ostentar suas posses e seu desejo de imortalização. Acreditamos que foi por tal motivação que essa classe social encomendou a edificação de túmulos monumentais, ao mesmo tempo que, com adornos e elementos culturais, buscava o reconhecimento de seu prestígio social. Todo esse aparato contribuiu não só para perpetuar a memória como também para reafirmar o *status* social das famílias. Do mesmo modo, tornou-se comum a construção de jazigos mais simples, arquitetados de acordo com as posses da família, os quais, adornados com materiais da cultura vernacular, permitiam aos mortos ali jacentes perpetuarem-se e serem lembrados.

As sepulturas dos cemitérios seridoenses são representações que foram produzidas a partir das diversas dimensões do cotidiano da população, de acordo com o período em que foram construídas. Logo, os universos presentes nas necrópoles analisadas são de fundamental importância para uma maior investigação histórica, e são vistos por nossa pesquisa como espaços portadores de cultura, capazes de manter, resguardar e perpetuar a memória e a história das cidades em que estão situadas.

Com o objetivo de melhor compreender os cemitérios e sua dinâmica, estabelecemos um levantamento espacial e iconográfico das sepulturas, observando categorias preestabelecidas: túmulos mais expressivos, túmulos de médio porte, túmulos de pequeno porte, túmulos modernos e aqueles que têm características peculiares. Os

epitáfios, os elementos culturais, os religiosos, os escultóricos e os arquitetônicos também fizeram parte do conjunto de fontes que delineou a pesquisa.

No Cemitério São Vicente de Paula de Caicó, no Cemitério Público Sant'Ana, de Currais Novos e no Cemitério São Vicente de Paula de Acari, identificamos túmulos considerados pela pesquisa como monumentais, categoria ausente no Cemitério Público de Carnaúba dos Dantas. A magnificência e o exibicionismo desses cemitérios se estenderam para a qualidade dos adornos, seja os naturais – plantas florais –, seja os artificiais, como as coroas, guirlandas e mesmo os arranjos de rosas confeccionados com material plástico, alumínio ou papel. Destaque pode ser dado, ainda, aos adereços encontrados nos túmulos monumentais – pináculos, frontões, máscaras de anjos, rosetas, altares ou nichos, piras, e ao próprio formato escalonado com terminação triangular. Atualmente, predomina a distribuição desordenada das sepulturas, situação ocasionada pela grande incidência de enterramentos. Os artesãos são anônimos: poucos são os túmulos onde se encontra indicação daquele que o produziu.

Nossa pesquisa teve como motivação compreender as representações em torno da morte bem como a mudança nos costumes fúnebres do Seridó norte-rio-grandense, associadas ao contexto histórico-social do momento em que os cemitérios estavam se estabelecendo naquele espaço. Partindo desse pressuposto, elegemos os cemitérios das cidades de Acari, Caicó, Carnaúba dos Dantas e Currais Novos, por serem essas as que tiveram no ano de 1856 as primeiras necrópoles criadas fora das igrejas, bem como terem tido em seus municípios cemitérios improvisados para receberem os mortos provenientes das epidemias.

Nossas observações foram feitas a partir de concepções histórico-sociais e religiosas e da relação com a memória e o imaginário social, levando em consideração concepções iconográficas e iconológicas. Elaboramos também descrições formais dos túmulos, apresentando dados técnicos referentes à construção e à decoração destes.

Recuando na análise a partir da documentação referente ao período anterior a 1856, percebemos as representações do *bem morrer* evidenciadas pela sociedade seridoense dos séculos XVIII e início do XIX, ou seja, como a população da freguesia de Sant'Ana encarava a morte naquela época. A investigação feita nesses documentos revela as concepções culturais de uma sociedade eminentemente católica, cujo receio de ir para o inferno, a incerteza do paraíso, resultava num desprendimento pessoal que levava o indivíduo a revelar suas últimas pretensões à Justiça Pública.

De certo modo, a Igreja patrocinou e propagou muito esse pensamento de salvação: a documentação eclesiástica fornece indícios reveladores de toda uma série de sufrágios concretizados em favor das almas *em vias de salvação*. Esses valores culturais são hoje percebidos dentro dos cemitérios, especialmente observados a partir da vivência cristã, sendo um dos principais veículos de manifestação do catolicismo popular a realização dos sufrágios em favor das almas. Não sem muitas diferenciações, as práticas mortuárias quase sempre reproduzem a posição socioeconômica do moribundo, sendo, portanto, clara também em relação a tais práticas a diferenciação entre as classes sociais.

REFERENCIAS

- ABREU, Regina. **A Fabricação do Imortal: Memória, História e Estratégias de Consagração no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- ALVES, Celestino. **Retoques da História de Currais Novos**. Natal-RN: Fundação José Augusto, 1985.
- ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Tradução de Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- _____. **Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média**. Lisboa: Teorema, 1989.
- BRANCO, Joelma M. de Araújo. **Entre os gritos da vida e da morte: reconstruindo atitudes perante a morte em São João do Sabugi na primeira metade do século XX**. 2001. 52f. Monografia (Especialização em História do Nordeste) - Departamento de História e Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó-RN.
- CANDAU, J. **Antropologia de La Memória**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.
- CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e Cultura material: uma introdução bibliográfica**. Anais do Museu Paulista, São Paulo. n. Sér., v. 8/9, p. 293-324. [2000 – 2001]. Editado em 2003.
- CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001. (Coleção Opúsculos).
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das letras, 1997.
- COÊLHO, Maria da Conceição Guilherme. **Entre a terra e o céu: viver e morrer no sertão do Seridó – séculos XVIII e XIX**. 2000, 101f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Departamento de Serviço Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal-RN, 2000.
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FARIA, Juvenal Lamartine. **Velhos costumes do meu sertão**. Natal: Fundação José Augusto, 1965.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HOORNAERT, Eduardo. **Formação do Catolicismo Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1974.
- KOSTER, Henry. **Viagens ao nordeste do Brasil**. Tradução de Luís da Câmara Cascudo, 2 ed. Recife, [s. n.], 1978. v. 17.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2008.
- MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. **A penúltima versão do Seridó: espaço e história no regionalismo seridoense**. Natal-RN: Edições Sebo Vermelho, 2005.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo: PUC, n. 10, p. 07-28, dez. 1993.
- OLIVEIRA, Fr. Hermínio B. de. **Formação histórica da religiosidade popular no nordeste**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. Fora da higiene não há salvação: a disciplinarização do corpo pelo discurso médico no Brasil Republicano. **Revista MNEME**, v. 4, n. 7, fev./mar., 2003
- PAGOTO, Amanda Aparecida. **Do âmbito do sagrado da igreja ao cemitério público: transformações fúnebres em São Paulo (1850/1860)**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004. (Coleção Teses e Monografias, v. 7).
- REIS, João José. **A morte é uma festa: rituais fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: ALENCASTRO, L. F. de. (Org.) **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 2.
- SANTOS, Alcineia Rodrigues dos. **Temp(l)o da salvação: representações da morte e ritos fúnebres no Seridó nos séculos XVIII e XIX**. 2005. 179 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN.
- SILVA, Rosinéia Ribeiro de Almeida. **O Seridó em tempos de cólera: doenças e epidemias na segunda metade do século XIX**. 2003. 80f. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História e Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó-RN.